

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS**

DALENE DE OLIVEIRA ALKIMIM

**O PORTUGUÊS AKWÊ KRÊKA: A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO
TERRITÓRIO XAKRIABÁ**

Belo Horizonte

2024

DALENE DE OLIVEIRA ALKIMIM

O PORTUGUÊS AKWĒ KRĒKA: A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO TERRITÓRIO XAKRIABÁ

Percurso Acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG) como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Línguas, Artes e Literatura. Orientadora: Profa. Dra. Maria Gorete Neto

Belo Horizonte

2024

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha querida Dahīkda (em memória), e aos meus pais, por serem meus olhos sempre orientando quais caminhos percorrer, a minha filha, aos anciões, caciques, lideranças a todo meu povo Xakriabá, vocês foram fundamentais na construção desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Waptōkwa zaware (Deus) aos Têdkwa (encantados) por conceder essa oportunidade de chegar até aqui, me fortalecendo e guiando para seguir em frente nessa caminhada. Aos meus pais Erasmo Carlos Pinheiro de Alkimin e Marleide Gomes de Oliveira por terem me guiado na minha trajetória de vida, ensinando os caminhos a serem percorridos. A todos meus irmãos que me deram força quando foi preciso. A Zawre pela motivação. A minha filha Aylla ketlyn que durante esse curso foi meu porto seguro, de onde tirei força para não desistir. De um modo especial agradeço a Sibakadi Xakriabá por estar comigo desde o início se não fosse a força dela, os ensinamentos em todos os momentos, esse trabalho não teria concluído. Ariātā a minha querida avó (em memória), que sempre me ensinou qual caminho percorrer mesmo depois de se encantar. Não poderia deixar de agradecer aos meus entrevistados, Deda Sirêpte que de certa forma é a base do meu trabalho sempre me orientando e cuidando de mim nos momentos de incertezas e fraquezas, a Nemerson Psêkwa Xakriabá, Drika Xakriabá, Durkwa Kreka grandes sábios conhecedores da nossa história de luta e resistência, que contribuíram muito com suas sabedorias para que esse trabalho fosse realizado. Não poderia esquecer de Marciel Nunes (Ciel líder) por contribuir na pesquisa e a Valdirene Ferro Bezerra, Edgar Kanaykō, Nilva Ferreira, Adriel Gonçalves por contribuir com as fotos. Ariātā waitê datmō romkuiwē por não me deixar desistir. A todos nossos Anciões, pajés por ter a confiança de nos repassar seus conhecimentos, nos ensinando a sempre caminhar junto com nosso povo, eles são nossas raízes onde sempre ressaltam que união faz a força, que nunca devemos andar por si só mais sim em coletividade, com ela conseguimos alcançar nossos objetivos. Nossos caciques e lideranças por sempre estar na luta pelos nossos direitos, a luta pelo nosso território, saúde e Educação. Às nossas lideranças que já passaram por aqui, e aos que acompanham nosso curso fazendo parte do colegiado que nunca mediu esforços ao se deslocar das aldeias até Belo Horizonte para buscar melhorias para nosso curso, no qual faço questão de recitar seus nomes: sr. Valdemar Ferreira dos Santos, Wellington Oliveira Santos, sr. Silvino Nunes de Oliveira, grandes guerreiros no qual tenho orgulho de mencionar. Também meus agradecimentos para as lideranças Pataxós, que de uma forma ou de outra contribuíram na minha formação. Todas escolas do território Xakriabá especialmente a Escola Estadual Indígena Bukimuju da Dazakru Kāmrāmkō (da Aldeia Brejo Mata Fome) onde sempre estudei e na qual hoje sou professora.

E também agradeço a todos os professores que com eles estudei, pelos incentivos a sempre buscar novos desafios na área da educação indígena. Agradeço a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Faculdade de Educação por ter aberto as portas para os povos indígenas, e por acreditar sempre que somos capazes sim de fazer parte dela. Ao nosso curso Formação Intercultural para Educadores Indígenas - FIEI, onde nele pude adquirir um enorme conhecimento que vou levar para a vida toda, na habilitação de Línguas, Artes e Literatura A todos os professores, bolsistas, coordenadores do FIEI por ter a paciência, companheirismo, de sempre estar com a gente nos momentos bons, difíceis, de nos repassar conhecimentos. A minha orientadora Maria Gorete Neto. A todos meus amigos e amigas que fazem parte da minha caminhada que com certeza cada um com sua maneira contribuiu na minha jornada de estudo. A minha turma da LAL, por ter essa diversidade de povos, culturas diferentes Pataxó, Guarani, onde pode conhecer um pouco da cultura de cada um, isso foi fundamental para minha formação. Por fim, todo o povo Xakriabá do qual me orgulho de fazer parte.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de realizar uma discussão acerca do português falado pelo povo Xakriabá. A partir de pesquisa realizada em três aldeias do território indígena Xakriabá mostrar o contexto histórico de violência que obrigou o povo a deixar de falar sua língua materna e adotasse o português. No desenvolvimento aborda questões como a retomada histórica da língua, silenciamento da língua Akwẽ Krēka, o português indígena, o português Xakriabá como diferentes formas de resistência, o preconceito linguístico e o processo da retomada linguística destacando os caminhos e desafios. A coleta dos dados foi realizada através de pesquisas nas comunidades Riachinho (Kâwakmôrê), Caatinguinha (Ropsêawre) e Imbaúba (Awrãwdê). As questões abordadas foram discutidas a partir da cosmovisão do povo, além disso, visa desconstruir a ideia de que o modo próprio de falar a língua portuguesa é errado e valorizar as diferentes formas de falar o português no território, compreendendo essa diversidade como formas de resistência. Compreender essa diversidade linguística contribui para vencer o preconceito linguístico no território indígena Xakriabá.

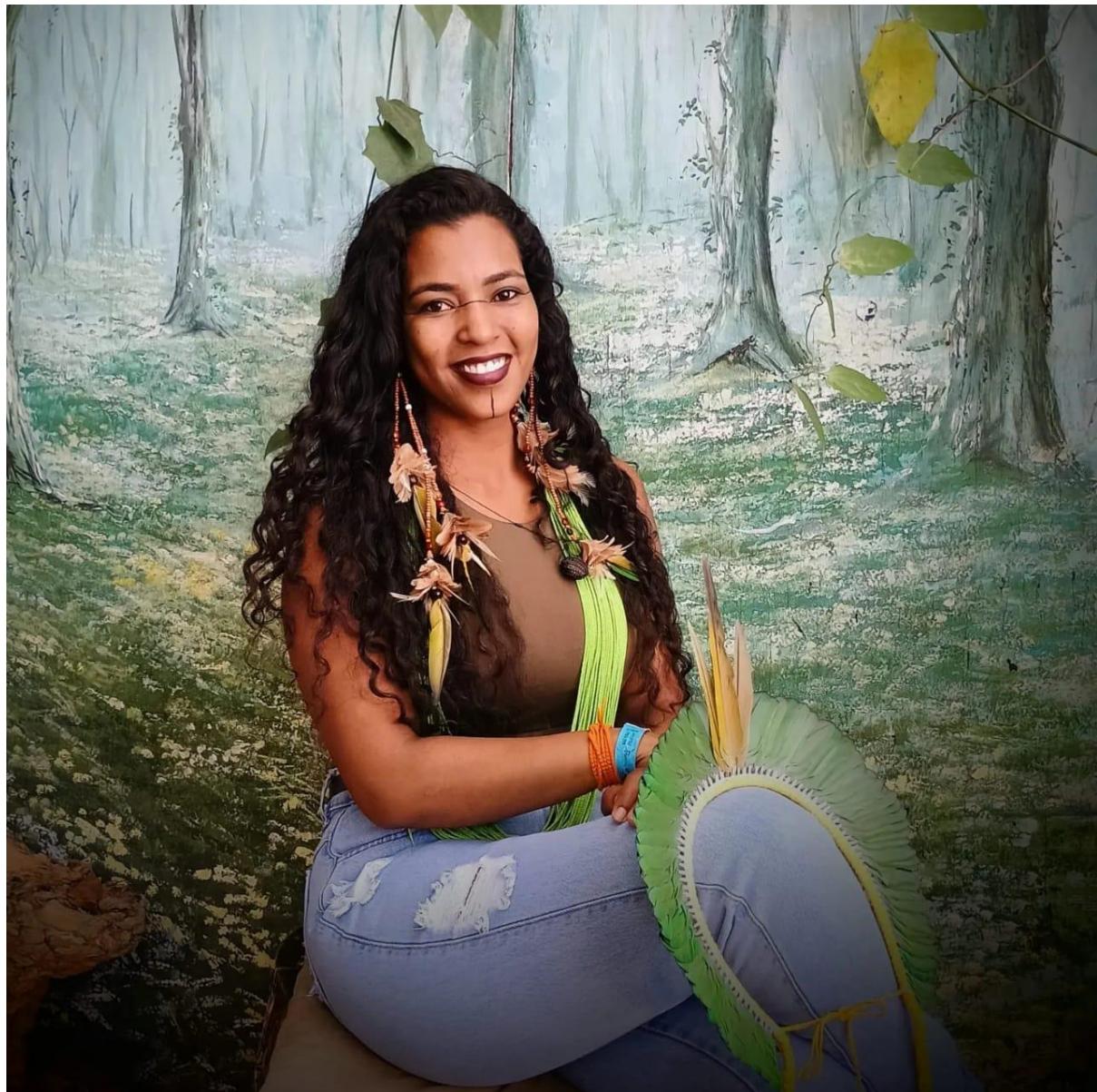
Palavras chaves: Povo Xakriabá; Português, Português Xakriabá, Akwẽ Krēka.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
1. INTRODUÇÃO	12
2. METODOLOGIA	17
3. RETOMADA HISTÓRICA DA LÍNGUA	22
4. SILENCIAMENTO DA LÍNGUA AKWÊ KRÊKA	24
5. PORTUGUÊS INDÍGENA	25
6. O PORTUGUÊS XAKRIABÁ: DIFERENTES FORMAS DE RESISTÊNCIAS	27
6.1 PRECONCEITO LINGUÍSTICO	35
7. O PROCESSO DE RETOMADA LINGUÍSTICA	37
7.1 CAMINHOS E DESAFIOS	40
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
9. REFERÊNCIAS	47

APRESENTAÇÃO

Um pouco sobre minha trajetória de vida



wahã kēpdi krêka, wanorî tô Xakriabá, srôwa dazakru awrãwdê, wa tô rowahturkwa dazakru
kâmrämkô bukimuju, wahã dazeparkwa hawi smîsi tarê.

Meu nome é Dalene de Oliveira Alkimim, tenho 28 anos de idade, sou indígena, pertenço ao povo Xakriabá que fica localizado nas proximidades das margens do Rio São Francisco, Município de São João das Missões extremo Norte de Minas Gerais. Sou professora, sou integrante do grupo cultural Dazakru awrāwdê kāmrāmkō, faço parte da articulação da juventude Xakriabá, e sou mãe solo.

Nasci e cresci na aldeia Imbaúba (Dazakru Awrāwdê), onde recebi o nome Kêpdi, que é de origem Akwê, a língua materna do meu povo. Até os 22 anos morei com meus pais, e com meus irmãos, sou a terceira filha, e no total somos 8 irmãos. Minha família, assim como a maioria das famílias do Território Xakriabá é de origem simples e humilde.

Aos 7 anos de idade comecei a estudar na Escola Estadual Indígena Bukimujú, na aldeia Brejo Mata Fome (Dazakru kāmrāmkō), que fica 4 km da minha aldeia de origem. Nos primeiros anos de aula, estudei em uma área nos fundos da casa onde ficavam os motoristas da saúde. Alguns meses depois melhorou um pouco a estrutura, passei a estudar em um barracão improvisado, e permaneci estudando lá por 2 anos. Era muito difícil pois naquela época não tinha carro para levar os alunos, então eu fazia o trajeto de casa para a escola a pé todos os dias, um período enfrentava o sol e no outro a chuva. Apesar das dificuldades, quando comecei a estudar, era bem mais fácil dar continuidade nos estudos, pois nessa época os professores não indígenas já tinham sido substituídos por professores indígenas. Portanto, se tornava mais fácil a comunicação, e os conteúdos eram quase todos voltados para a realidade do povo.

Meus pais sempre me incentivaram na ampliação dos estudos, e fazia de tudo para que não faltasse às aulas. Porque eles não tiveram a oportunidade de estudar, queria que com os filhos fosse diferente, pois para eles o estudo poderia nos proporcionar tudo aquilo que eles não tiveram, e o que eles não puderam nos oferecer. Também para eles era importante que as pessoas estudassem e formassem, para poder ajudar na aldeia.

Depois de longos anos na caminhada em 2010, eu concluí o ensino fundamental, foi o momento também que comecei a fazer o caminho de volta para conhecer a história do meu povo e entender mais sobre a cultura. No território geralmente os conhecimentos tradicionais são passados pelos avós, então era minha avó que me falava sobre a cultura e suas regras. No entanto, quando eu passei a ter conhecimento sobre tudo o que ela me ensinava desde pequena, foi quando chegou o momento dela passar para o mundo dos espíritos.

Em junho de 2013, minha avó faleceu, e esse foi um dos momentos mais difíceis da minha vida. Quando tomei consciência de quem eu estava perdendo, me vi sem chão. Foi uma perda muito sentida não só para mim, mas também para a comunidade, pois quando morre um ancião, perdemos também uma fonte de conhecimento. Por isso que é importante nós enquanto juventude fazer esse caminho de volta para conhecer a história e despertar a cultura que ainda está adormecida em nós, pois nós somos a ponte que atravessa os saberes e repassa para as futuras gerações. No final desse mesmo ano conclui minha trajetória escolar, finalizei o ensino médio. Após a conclusão do ensino médio me dediquei somente aos movimentos culturais dentro da comunidade.

No ano de 2016, o cacique Domingos, juntamente com as lideranças e a diretoria da escola Estadual Indígena Bukimuju me indicaram para trabalhar na licença de um de seus professores por três meses, na aldeia Brejo Mata Fome, e essa foi minha primeira experiência como professora. No início eu entrei em pânico, não sabia se aceitava ou se recusava, eu me sentia despreparada para o cargo, mas acabei aceitando o desafio. Um ano depois, ganhei minha própria vaga, hoje sou professora nas turmas do ensino médio, e para mim é muito gratificante, porque trabalho na mesma escola que estudei, além disso e dos desafios da profissão, eu amo ser professora e quero me dedicar ao máximo para me capacitar e poder dar o melhor para os meus alunos.

Entre 2013 e 2017, foi criada uma organização de jovens, conhecida como juventude Xakriabá, para que os jovens tenham participação ativa na luta do povo, ser a força que sustenta as lideranças nas batalhas, e ser os guardiões da cultura, para que tenhamos conhecimento de nossos direitos enquanto indígenas, saber lutar por eles, e repassar os conhecimentos tradicionais para as futuras gerações. Essa organização tem grupos em aldeias específicas que abrange outras aldeias, desde a criação faço parte do grupo Warāwdê, é através dele que tenho me aprimorado culturalmente, e tenho tido conhecimento sobre meus direitos enquanto indígena. Pretendo continuar lutando para que nossos direitos sejam respeitados, e que possamos entregar o território para nossos filhos como recebemos dos nossos anciões, preservando sua memória e os mantendo vivos através da sua história que está sendo contada pela nossa voz.

No ano de 2020 prestei o vestibular para o curso de Formação Intercultural Para Educadores Indígenas (FIEI-UFMG). Após muitas tentativas, graças ao Waptôkwa (Deus) consegui passar. Prestei o vestibular no FIEI persistentemente por 7 anos, porque acreditava

que o conhecimento que poderia adquirir no curso me ajudaria a ser uma profissional melhor, além disso, ocupando esse espaço levaria a minha história e a história do meu povo, da minha aldeia a um espaço que antes nos era negado. Vejo que com o contexto político que vivemos, temos que ter pés firmes no território, e mãos seguras no instrumento que mais tem destruído os povos indígenas na atualidade, que é a caneta. Creio que mais do que nunca é preciso ter domínio de outros saberes e os aplicar de acordo com a nossa realidade, para garantir nossos saberes tradicionais, nosso território e vida.

Durante os quatro anos de curso foi um turbilhão de angústias e emoções, pois a minha turma ingressou no período da pandemia, e tivemos que fazer os primeiros contatos com a turma e os professores através das telinhas onde muitas das vezes não era possível todos acompanhar devido a qualidade da internet. Em 2022 finalmente tinha chegado a hora de irmos a Belo Horizonte, momento mais esperado, foi onde se iniciou a angústia devido nunca ter saído do território para ir para a cidade e ter que ficar por quatro semanas, ter que deixar a família e a minha filha pela primeira vez foi minha maior angústia.

Quatro anos se passaram e, durante os módulos e intermódulos, pude aprender muito principalmente sobre o meu próprio território, pois o FIEI proporciona essas trocas de saberes entre o chão do território e o chão da universidade. Guardarei todos os conhecimentos adquiridos durante o curso e assim tentarei repassar para a minha comunidade e meu povo Xakriabá. Além do conhecimento adquirido no curso, também guardarei as pessoas incríveis que conheci através dele, e todos os momentos que nos foram compartilhados.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho foi realizar uma discussão acerca do português falado pelo povo Xakriabá. A partir de pesquisa realizada em três aldeias do território indígena Xakriabá mostrar o contexto histórico de violência que obrigou o povo a deixar de falar sua língua materna e adotasse o português. Além disso, visa descontruir a ideia de que o modo próprio de falar a língua portuguesa é errado e valorizar as diferentes formas de falar o português no território, compreendendo essa diversidade como formas de resistência.

Esse tema surge a partir das vivências no território onde pude observar as diferentes formas de falar o português do povo Xakriabá, daí aparece a curiosidade de entender mais sobre o porquê essa variação ocorre de uma aldeia para a outra, principalmente no que diz respeito à pronúncia. Diante de um processo histórico de crueldade e violência causado pela colonização, o povo Xakriabá foi obrigado a falar a língua portuguesa. Esse português falado no território traz traços da língua materna (OLIVEIRA e BARBOSA, 2016).

O povo Xakriabá reside em trinta e oito aldeias, cada uma com seus sotaques e fonéticas, há também diferenças no português falado em cada uma delas. Sofremos preconceito por não falar a língua materna fluente, e sofremos também por falar o português indígena Xakriabá.

As aldeias escolhidas para a pesquisa são: aldeia Caatinguinha (Ropsêawre), aldeia Imbaúba (Awrâwdê) e aldeia Riachinho(kâwakmôrê). Essas aldeias pertencem ao território Xakriabá que está localizado nas proximidades das margens do Rio São Francisco, Município de São João Das Missões, extremo Norte do estado de Minas Gerais. É um território de aproximadamente 53 mil hectares, de acordo com os caciques Xakriabá, e possui uma população estimada em mais de 13 mil indígenas.

Essas aldeias ficam mais reservadas dentro do território, têm menos acesso do que as demais, são consideradas aldeias pequenas. São elas: aldeia Riachinho (Kâwakmôrê) recebeu esse nome, segundo os mais velhos, pelo fato de ter uma nascente pequena, que mesmo durante o período da seca ela sempre corre água em um pequeno córrego; a aldeia Imbaúba (Awrâwdê) recebeu esse nome por ser localizada em um terreno que tem uma riqueza em plantas medicinais e a que mais se encontra é a árvore que leva o nome de imbaúba. Já a aldeia Caatinguinha (Ropsêawre) tem ligação com um dos biomas existentes no Território que é a caatinga e também onde se encontra boa parte de plantas medicinais.

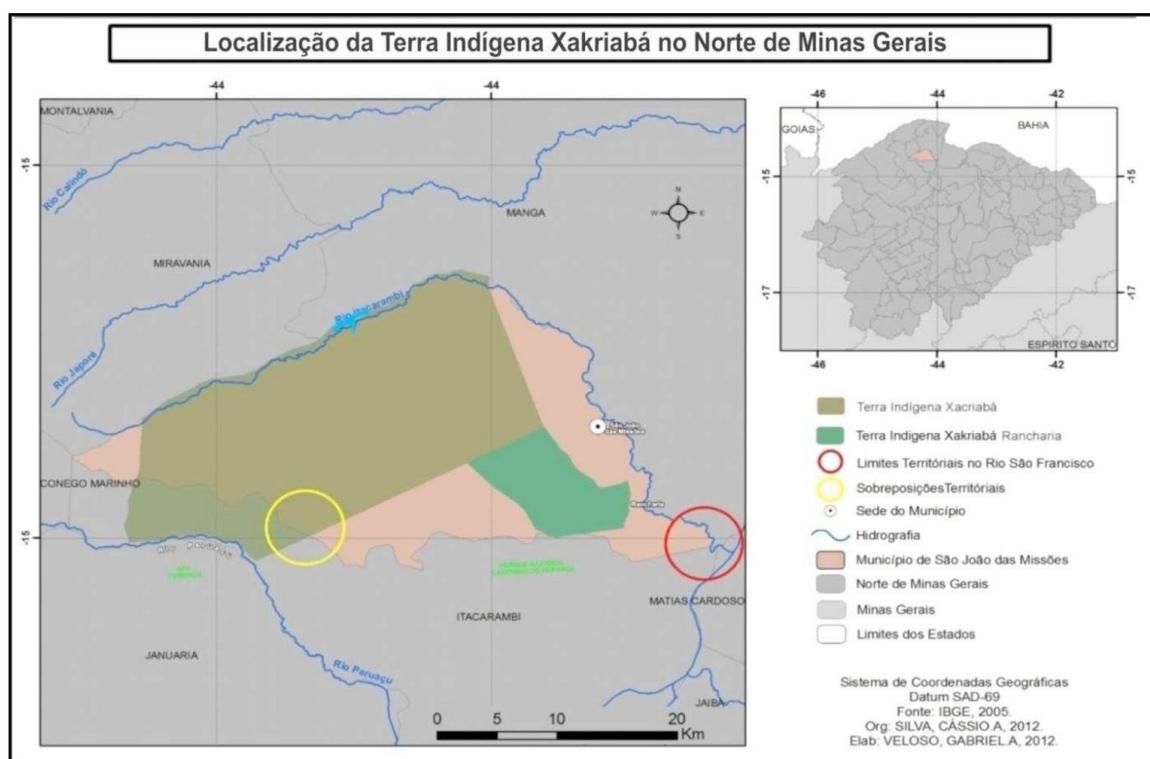
O motivo pelo qual foi escolhido essas aldeias se dá pelo fato de ser aldeias mais reservadas e ainda manter seu jeito próprio de falar o português, e por não ter diferença do modo de falar

entre as gerações. As crianças e os jovens falam o português igual os anciões, já em outras aldeias os anciões falam de uma forma e os mais jovens de outra.

Os resultados destas pesquisas poderão ser úteis para serem trabalhados através de palestras inicialmente nas escolas e depois nos demais espaços coletivos de modo geral, com intuito de conscientizar cada vez mais as crianças, jovens e até mesmo anciões, que o português indígena não é errado. Compreender essa diversidade linguística contribui para vencer o preconceito linguístico no território indígena Xakriabá.

O objetivo geral deste trabalho é descrever alguns aspectos da variedade do português falado dentro do território indígena Xakriabá, nas aldeias selecionadas, revisitando a trajetória que nos obrigou a falar a língua portuguesa, compreendendo como é falado e como está sendo feito o caminho para retomar a sua língua materna. Como objetivos específicos temos: 1) Realizar pesquisas sobre o português falado nas aldeias selecionadas; 2) trazer um pouco da história de violência que fez com o povo Xakriabá adotasse o português; 3) Apresentar um pouco do português falado nas aldeias Caatinguinha (Ropsêawre), Imbaúba (Awrãwdê) e Riachinho (Kâwakmôrê).

Abaixo, seguem o mapa do território Xakriabá e imagens das aldeias.



Mapa do Território, fonte IBGE, 2025.



Foto representando parte do território indígena Xakriabá, Edgar Kanaykõ, 2021



Dazakru Ropsêawre (aldeia Caatinguinha) foto de Valdirene Ferro Bezerra, 23/09/2024.



Dazakru Kâwakmôrê (Aldeia Riachinho), foto de Nilva Ferreira Gama Ferro
24/09/2024



Dazakru Awrâwdê (aldeia Imbaúba) Foto de Adriel Gonçalves, Google maps
01/10/2024.

2. METODOLOGIA

Esse trabalho foi realizado junto com o Povo Xakriabá, a coleta dos dados foi realizada através de pesquisas nas comunidades Riachinho (Kâwakmôrê), Caatinguinha (Ropsêawre) e Imbaúba (Awrâwdê). O instrumento usado para coletar os dados foi a entrevista. Foram entrevistadas 4 pessoas, e os critérios para seleção das pessoas foram: morar no território, conviver com as pessoas das aldeias escolhidas para a pesquisa e conseguir identificar as diferentes formas de falar português nas aldeias Xakriabá.

Os entrevistados foram José Araújo de Souza conhecido por Deda Sirêpte. É um dos pajés do povo Xakriabá, artesão, casado, trabalha mais de 16 anos como professor de cultura na escola estadual Indígena Bukimuju, e Elizélio Santiago de Oliveira (Durkwa krêka Xakriabá), Adriana Santiago de Oliveira (Drika Xakriabá) jovem de 28 anos de idade, psicóloga e atualmente está mestrandona em psicologia, Nemerson Gonçalves de Oliveira (Psêkwa Xakriabá) jovem de 27 anos, integrante do grupo cultural Dazakru awrâwdê kâmrãmkô, professor na escola estadual indígena Bukimuju.

Conversei com eles sobre um pouco do histórico de luta e também a respeito da busca pela revitalização da nossa língua materna. Embora não haja trechos selecionados na análise de todos os entrevistados, a discussão apresentada no percurso foi baseada nessas entrevistas. Para melhor compreensão dos dados, as entrevistas foram gravadas e depois transcritas.

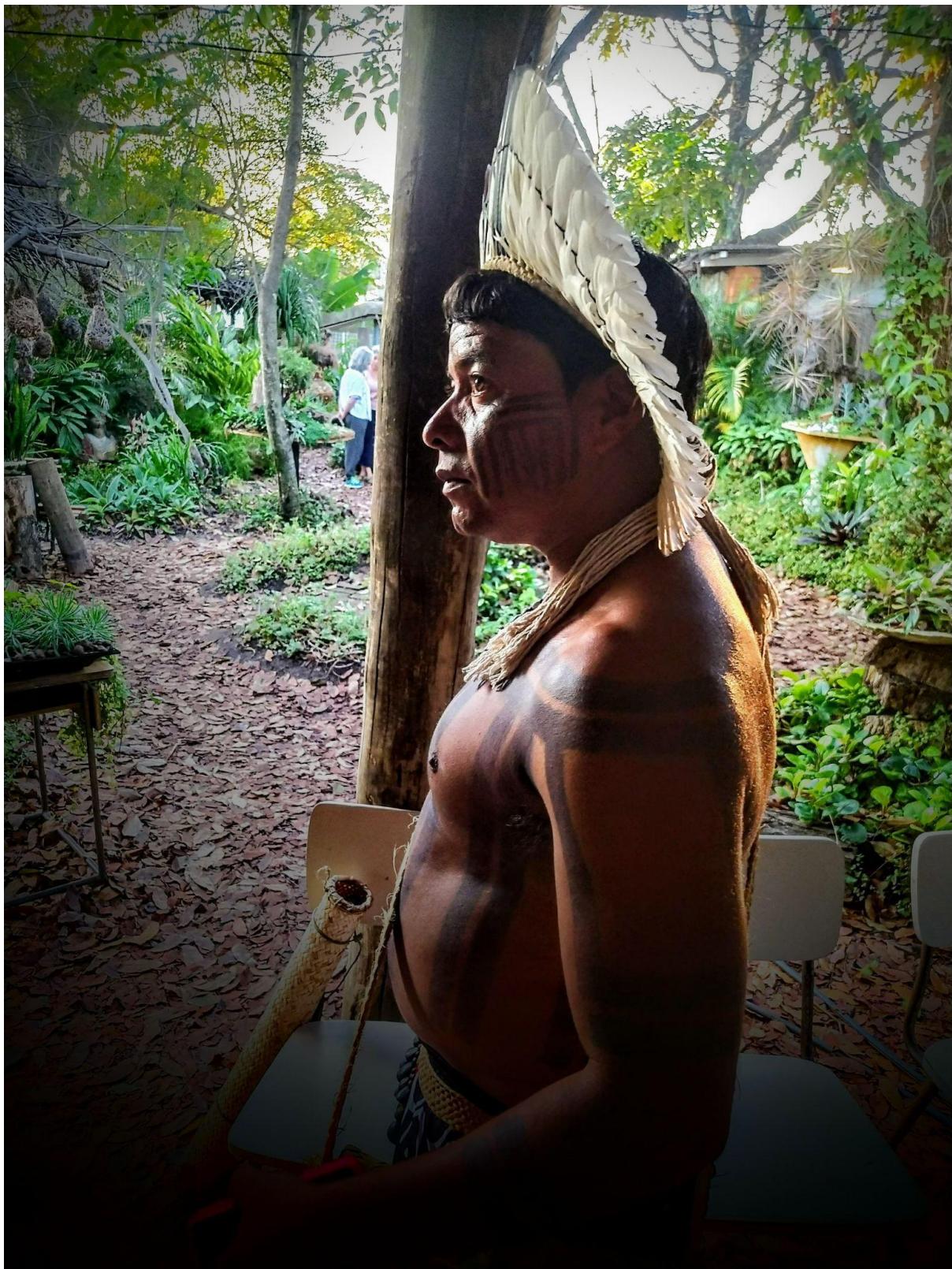
Na sequência, seguem fotos dos entrevistados, cuja divulgação foi autorizada por eles.



Entrevistada, Adriana Santiago de Oliveira (Sibakadi Xakriabá) Psicóloga. Foto: Sibakadi



Entrevistado, Elizélio Santiago Oliveira (Durkwa Krêka). Foto: Durkwa Krêka 01/10/2024



Entrevistado, Deda Sirêpte (pajé, parteiro, artesão, professor de cultura) Foto: Nemerson Psêkwa, setembro 2023



Entrevistado, Nemerson Gonçalves (Psêkwa Xakriabá) Foto: Pesêkwa Xakriabá, dezembro de 2019.

3. RETOMADA HISTÓRICA DA LÍNGUA

Segundo as histórias contadas pelos anciãos, o povo Xakriabá chegou às margens do rio São Francisco em Minas Gerais, vindo de estado de Tocantins após travar muitas lutas no estado de origem e em todo percurso até chegar no seu território atual, território que foi demarcado e homologado em 1979 e 1987. E nesse processo histórico perdeu parte do seu território, sendo uma dessas parte fundamental para a realização dos rituais sagrados que é onde fica localizado o Rio São Francisco, por isso que é correto dizer que estamos nas proximidades das margens do rio e não nas margens, pois esse direito foi negado ao povo.

Em Tocantins o povo Xakriabá tem parentesco com os povos Xavante e Xerente, que no passado era um povo só, e era dividido em três clãs: Krẽka, Akwẽ, A’uwẽ. De acordo com os anciãos esses três povos foram divididos em um grande ritual, no qual reuniram os anciãos mais velhos da aldeia Curá, onde eles se sentaram e entraram em acordo, que diante das perseguições que estavam enfrentando, seria melhor se dividir para preservação do próprio povo (MOTA, 2020; SILVA, 2018).

Com essa divisão cada clã se tornou um povo, que originalmente recebia o nome na língua materna, no entanto devido ao contato com os não indígenas e instituições governamentais receberam outro nome, e nesse processo o clã/povo Krẽka passou a se chamar Xakriabá.

Muitos anos após essa divisão teve um encontro de três anciãos, um de cada clã. Se reencontraram no Rio de Janeiro, segundo as histórias repassados eles se reconheceram através das pinturas, pois as pinturas ainda se mantêm com traços semelhantes com apenas as diferenciações que foram determinadas a cada clã.

E até hoje os Krẽka consideram como parentes mais próximos, tendo esses dois povos como povos irmãos. Esses três povos pertencem ao tronco linguístico Macro Jê e são falantes da língua Akwẽ. Embora seja considerada uma língua só, são línguas semelhantes que possuem variações linguísticas de povo para povo, algumas dessas variações aparecem na escrita e outras na pronúncia.

Na tabela abaixo listo algumas palavras que são iguais para os três povos, **Akwẽ Xakriabá, Akwẽ xerente, A’uwẽ xavante.**

Exemplo:

Akwẽ Krẽka	Akwẽ xerente	A'uwẽ xavante	Português
Xakriabá			
Bã	Bã	Bã	Uruncum
Tã	Tã	Tã	Chuva

Tabela adaptada de Ana Flávia Tkadi Xakriabá (2018, p. 57-58)

Segundo Deda (Sirê) o povo Xakriabá foi deixando de falar o idioma próprio após o contato como o português. Ele relata que “Xakriabá foi deixado mais de falar foi quando na época da invasão dos portugueses se aproximaram vieram pelas margens do Rio São Francisco. Eles vieram naquela época, quando eles chegaram, eles queriam ter acesso aquilo que tinha nas terras indígenas.” Ainda nessa mesma direção ele fala que por não compreender o idioma do povo Xakriabá os portugueses foram traçando estratégias para se aproximar do povo.

O maior responsável pelo massacre do povo Xakriabá foi um mestre de campo chamado de Matias Cardoso que chegou aqui no final do século XVII, perseguindo nosso povo para escravizá-lo. Nosso povo travou várias batalhas com esses bandeirantes, mas nesse período muitos indígenas foram assassinados, e outros foram obrigados a trabalhar para eles abrindo fazenda, estrada e nas construções de igrejas. Os invasores foram se aproximando do povo através de missionários da igreja Católica.

Esse invasor e outros posseiros foram os grandes culpados de tirarem a nossa cultura, e delimitaram nosso território, naquela época eles aldearam nosso povo. Foram construídos cercados, conhecido pelos anciãos como curral de vara, e aos poucos foram empurrando os Xakriabá para longe do Rio Francisco, e assim perdemos o acesso ao rio que é considerado como um pai para o povo, lugar sagrado onde eram realizados os ritos e rituais de passagem. Assim como o acesso ao rio, o povo foi obrigado a deixar de realizar partes desses ritos e rituais, pois o rio era a fonte principal que fortalecia essas práticas.

Além disso, colocaram os missionários para percorrer e vigiar o território, eles eram a garantia para que pudessem nos obrigar a falar o português e a seguir os seus costumes. Com essa imposição, nosso povo teve que abandonar uma grande parte da nossa cultura, foram muitas lutas e resistências para que nosso povo preservasse um pouco da cultura dos nossos antepassados que nos mantém fortes até hoje.

Quando os missionários chegaram no território Xakriabá não só obrigavam o povo a falar o português, mas também impuseram uma religião, nesse caso o catolicismo que até hoje têm um grande impacto na cultura originária do povo. O povo foi ensinado a rezar as rezas na

Língua de origem da Igreja católica que é o latim. Após a expulsão dos posseiros do território e a conquista dos direitos territoriais, ao longo do tempo o modo como são realizadas as rezas foram se modificando, mas as rezadeiras anciãs ainda mantêm boa parte da reza em latim. As rezadeiras mais novas já rezam mais no português.

Além de serem obrigados a deixar de falar a língua materna naquela época de violência, o povo era obrigado a aprender duas novas línguas, uma dos portugueses e a outra da religião que se instaurava ali e que até hoje se mantém. Embora o uso do latim tem sido pouco utilizado, o povo ainda faz suas devoções religiosas na igreja católica. Portanto, o povo sofre consequências dessas violências não só na questão linguística, mas também nas questões culturais.

As marcas que constituem no povo Xakriabá devido o contexto histórico de violências, produzem formas de resistência e ressignificações principalmente na configuração de um jeito próprio de falar de uma língua imposta, que é o idioma do colonizador mas que ao seu modo o povo foi atribuindo significados, trazendo nesse contexto traços da existência de um idioma próprio e conseguiu manter também jeito único e diferenciado de falar o português que é único e que diz das características de cada aldeia e do pertencimento enquanto povo indígena Xakriabá.

4. SILENCIAMENTO DA LÍNGUA AKWĒ KRĒKA

Os povos indígenas estão espalhados por todo o território brasileiro e cada um possui suas especificidades, cada povo vive culturas diversas e cada um possui um idioma próprio, alguns são falantes do mesmo idioma no qual possui variações linguísticas de um povo para outro. Hoje no Brasil há uma estimativa de aproximadamente 305 povos somando uma população em torno de 1.693.535 indígenas, cerca de 270 línguas faladas segundo censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Essas línguas estão distribuídas entre 5 troncos linguísticos sendo: “Tronco Tupi, Tronco Macro-Jê, Família Karib, Família Aruak, Família Pano; havendo ainda nove outras famílias menores e dez isolados.” (SEKI, 1999)

No processo histórico de invasão do território brasileiro, os povos indígenas sofreram várias violências e violações de direitos, além das violações de direitos territoriais, sofreram também a tentativa de extermínio de suas línguas. Nesse processo tiveram idiomas extermínados ou silenciados devido a imposição do português (GORETE NETO, 2018; MAHER, 2007).

O povo Xakriabá é um dos povos que sofreu com a tentativa de silenciamento do seu idioma após as interferências devido a invasão dos seus territórios. Durante muito tempo os anciões viveram com medo de falar na língua materna do povo e isso ocasionou em uma interrupção do compartilhamento do idioma próprio passando a adotar o português como modo de falar. Mesmo após a retirada dos invasores do território e a conquista da demarcação de suas terras, por muito tempo ainda predominava o medo de repassar para as gerações mais novas o seu idioma próprio.

No período de invasão ainda tínhamos nossos costumes preservados, mas com essas invasões fomos obrigados a deixar de praticar nossas tradições, nossos rituais, a nossa pintura e a nossa língua ancestral, porque, no dizer deles, “se os índios falasse na língua seria mais difícil de ser domados”. Tinham medo também de que os indígenas armassem alguma estratégia de luta contra eles, por isso que quando um indígena falasse na língua eles mandavam matar, ou era torturado, ou até mesmo cortava sua língua. Foi por isso que nosso povo foi deixando de falar nossa língua.

Logo em seguida chega um grupo de missionários jesuítas com o propósito de catequizar nosso povo, obrigando a seguir outras religiões que não eram nossas, e fazendo com que nossa religião fosse esquecida. Sofremos um grande impacto, com isso perdemos vários costumes ancestrais, um deles é a nossa língua materna que fomos impedidos de praticá-la sendo sujeitados a aprender o português.

Segundo relatos de Deda, “o povo Xakriabá sofreram um processo de violência muito grande, porque aqueles que não conseguisse falar o português ou que negasse a aprender, tinha suas línguas cortadas, arrancadas com anzóis para não comunicar no idioma, muitos foram espancados até morte” (Deda, entrevista concedida 24/03/2024). Devido a essa violência mesmo com a retomada do território ainda prevaleceu o medo de repassar o idioma próprio.

Os anciões Xakriabá sempre tiveram consciência da existência da sua língua materna, mas adotaram o português como uma língua comum, e essa língua que foi repassada para as gerações mais novas. Não que eles tenham negado esse direito aos jovens, mas, devido as marcas de violência tiveram medo que os mais novos passassem pelo mesmo que eles passaram. Portanto, é importante compreender que o silenciamento da língua materna nos faz refletir que quando um território indígena é invadido e é recuperado nem sempre é possível retomar tudo que povo foi privado, no mesmo momento em que é feita a retomada territorial.

5. PORTUGUÊS INDÍGENA

O português indígena, assim como as culturas dos povos originários, tem suas particularidades. Cada povo tem seu jeito próprio de falar a língua portuguesa, esse jeito próprio ocupa um lugar de significados nas vivências, que são tecidas de acordo com as crenças e valores e, principalmente, como cada povo ressignificou a imposição dessa língua. “A LP, apropriada, ressignificada, indigenizada, carrega marcas da memória das lutas da construção coletiva de saberes, das línguas ancestrais, da cultura e cosmovisões de cada povo” (GORETE NETO, 2021, p. 218).

Com a imposição foram se desenvolvendo formas de resistência, que são marcadas por traços das línguas maternas que o processo de colonização violentou. As pronúncias da língua portuguesa indígena são semelhantes aos sons da língua própria de cada grupo, como informa Eunice Tapuia, que discute o português Tapuia, falado por seu povo (RODRIGUES, 2018). Nesse sentido, quando falamos sobre a língua portuguesa indígena é preciso considerar as especificidades, a diversidade e as características do idioma próprio e contexto histórico violento vivenciado no movimento de colonialidade. Portanto, “é preciso ampliar a análise sobre o uso que povos indígenas fazem do português, análise muitas vezes construída a partir da categoria Língua imposta, língua do dominador.” (ABRAM dos SANTOS, 2018, apud. GORETE NETO, 2021, p. 218)

Em vários espaços que os indígenas ocupam, o modo que fazem o uso do português é invalidado por não seguir as normas do português oficial. A invalidação acaba por excluí-los de espaços que foram conquistados com muita luta. Nesse movimento há uma negação histórica da existência de povos plurais, das suas culturas e seu modo de entender o mundo a sua volta, pois esse modo de falar o português é rodeado de traços de sua pertença às suas origens e às lutas diversas para preservar sua língua de origem, mesmo no tempo em que não era permitido falar.

Não raro o português indígena é confundido com falar português gramaticalmente incorreto (não fazer concordância nominal ou verbal tal como prescrita nas gramáticas normativas, cometer equívocos ortográficos, etc). Porém, não é disso que se trata o português indígena. Essa variedade de português traz a memória das línguas ancestrais orais, seja na estrutura, seja no vocabulário, seja na organização do discurso. Um texto escrito em português indígena pode apresentar recursividade, retomada do discurso conforme é realizado no texto oral indígena, pode espelhar a estrutura da língua originária sem prejuízo ao entendimento do texto em português, pode trazer

vocábulos especificamente utilizados pelo povo no seu território, dentre outras características. (GORETE NETO, 2018, p.1351)

Por ser povo da oralidade, na escrita por mais que não tenha prejuízo do entendimento, em muitos espaços, principalmente no espaço acadêmico é cobrado para que os discursos sejam redigidos nas normas do português oficial. Nesse sentido, os indígenas vivem um dilema entre o que é cobrado e o que pode ser de fato compreendido pelo seu povo, ou seja para o que e para quem de fato se escreve. Portanto, na escrita acadêmica indígena deve-se tecer discursos de diálogos interculturais que seja aceito na academia que também seja compreendido pelo povo a qual pertence levando em consideração que o português não é sua língua oficial.

6. O PORTUGUÊS XAKRIABÁ: DIFERENTES FORMAS DE RESISTÊNCIAS

Apesar das imposições e a violência que fizeram com que hoje o português seja a língua que predomina no território Xakriabá, é importante ressaltar que o povo desenvolveu um jeito próprio de falar a língua portuguesa, mantendo algumas palavras do idioma próprio e algumas alterações na fonética do próprio português, portanto mesmo sendo obrigados a falar outra língua o povo foi desenvolvendo modos próprios para falar o idioma imposto e esses modos de falar varia de aldeia para aldeia.

Para Nemerson, o povo Xakriabá “tem uma forma específica de da gente se expressar né tanto no português Xakriabá que é um dialeto uma mistura de linguagem portuguesa com uma linguagem materna né sabemos aqui que cada aldeia aqui no Xakriabá tem sua especificidade tem seu próprio dialeto né, por mais que a gente é um povo só mas a gente tem a forma de se expressar diferente.”

É possível notar que a língua portuguesa em algumas aldeias se aproxima um pouco da língua materna, isso se nota no português falado, existem poucas letras, consoantes, e o alfabeto tem mais vogais. Às vezes dá para perceber que algumas aldeias não usam algumas consoantes pois não tem esse som e são substituídas por outras letras que existe no alfabeto da língua Krêka, como podemos observar na tabela 2.

É sempre importante manter essa questão da fonética para poder conseguir falar o idioma materno, pois a fonética é importante para conseguir falar qualquer língua, seja ela indígena ou língua estrangeira. É a fonética que dá o som correto no significado da palavra, quando a palavra não é pronunciada com som certo pode mudar o significado, podemos notar essas diferenças presente no modo de falar em cada aldeia.

Quando observarmos bem os anciões conversando, podemos perceber que tem algumas palavras que eles não vão colocar a letra que existe no português acaba colocando uma letra que existe só na língua Krêka por não conseguir pronunciar o som daquela letra. Isso vai aparecer em três aldeias do território Xakriabá de uma forma bem mais forte, essa questão é diferente. Em relação a isso Deda relata que,

“As variações de algumas palavras que aparecem dentro no nosso próprio povo vem de acordo As falas a questão fonética né então variam também de cada aldeia por isso que foi definida por exemplo para cada região onde é que tivesse essas formas de destaque de tom diferente desse sotaque receber também o seu nome de Aldeia né que naquele tempo chamava tudo de Clã é hoje né o pessoal mais fala Aldeia mesmo e aí naquele tempo só tinha água a água que tinha tudo natural né que vinha dos olho d’água tinha umas nascentes maiores dava as referências mas os outros Olho d’Água elas também desaguavam diretamente nesses outros Olho d’Água que vinha São Francisco E aí pode perceber que cada região onde tinha esses olhos d’água as pessoas têm um ponto diferente o sotaque às vezes muda um pouquinho né a gente tem percebido isso e conversando com os nossos anciões.”

Devido ao contato mais direto com os não indígenas em algumas aldeias o modo de falar já está mais parecido com português conhecido como “português oficial”, esse movimento nomeado por Deda como beber de outras fontes, ter contato com outras águas, pois para ele até dentro do próprio povo quando passa a conviver em outras aldeias o modo de falar tende a mudar. Mas vale ressaltar que algumas aldeias ainda mantêm seu modo próprio de falar a língua portuguesa, que também aparece traços do idioma materno.

Esse foi um dos motivos por ter escolhido Imbaúba, Caatinguinha, Riachinho para fazer esse estudo que são onde se aproximam mais essas situações linguísticas. Embora os mais novos hoje começem a falar bem diferente, mas existem ainda os anciões que têm essa fala usando esse som das vogais do alfabeto da língua Krêka.

As aldeias Riachinho e Caatinguinha são duas das aldeias que se encontram com menos acesso, não são tão frequentadas iguais as demais do território, são frequentadas na maioria das vezes por familiares de aldeias vizinhas e isso contribui para que tenha essa preservação maior do modo de falar o português indígena.

Segundo relatos de Deda, esse modo de falar o português e o sotaque tem a tendência de mudar de acordo a convivência, como por exemplo quando sai do território para uma cidade grande dependendo de quanto tempo permanecer morando nela, se muda o jeito de falar e o sotaque, assim também acontece no território, ao se mudar para outras aldeias ou frequentar muito, acaba falando igual tanto no português quanto no sotaque.

De acordo com a minha vivência, pude perceber que a aldeia Imbaúba é uma das aldeias que trazem diferente sotaques, mesmo sendo uma aldeia considerada pequena, há famílias que mesmo morando próximas umas das outras o sotaque e o modo de falar são bem diferentes. Algumas famílias aproximam o sotaque mais da aldeia Riachinho, outras famílias aproximam mais da aldeia Caatinguinha e há famílias que já tem uma junção do sotaque das três aldeias juntas.

Assim como há essa aproximação do sotaque entre essas aldeias, o modo de falar o português também traz esses traços. E apesar das semelhanças cada um tem seu jeito único de falar, mesmo quando as palavras são iguais os sons são diferentes. Na aldeia Riachinho as palavras são mais ‘cantadas’ (pronúncia lenta), na aldeia Caatinguinha são pronunciadas mais rápido e na aldeia Imbaúba já tem um som mais aberto, porém, é mais baixo, principalmente na fala dos anciões.

Para compreender melhor o modo de falar o português e as variações que ocorrem entre as aldeias Riachinho, Imbaúba e Caatinguinha a seguir apresento uma tabela com lista de palavras na qual tento escrever da forma como são faladas em cada uma dessas aldeias. Os dados coletados são fontes próprias devido a vivência com pessoas dessas aldeias.

Tabela 1: relação de palavras e seus significados nas aldeias.

frases e palavras em português	palavras e frases no português indígena Xakriabá: aldeia Riachinho	palavras e frases no português indígena Xakriabá: aldeia Imbaúba	palavras e frases no português indígena Xakriabá: aldeia caatinguinha
porque	pruquê	modi quê	cardi quê
você	ucê	rãâcê	cê

grande	glanda	gande	gãde
sol	solo	sóu	solo
chuva	suva	chuva	suuva
água	aga	aguua	aga
mesmo	merma	mermo	memo
milho	mii	mii	mii
filho	fii	fii	fii
estou aqui	toquî	tarraqui	tóqui
pássaro preto	passupreto	coqui	pachupeto
budoque	badoque	duba	badogue
mais porque você vai?	mar pruquê ucê raî?	marro modiquê râncê rai?	cardiquêê cê rai?
então	intõ	intõ	intõssi
porco	proku	ploku	poiko
dormindo	dhiurmino	drumino	dhiumino
como vai você?	cuncê rai?	cuma rai ucê?/râcê	cunrrai cê?

Essas palavras apresentam uma diferença maior no sotaque. Deda faz essa relação com as nascentes e as plantas medicinais: “Por exemplo a aldeia Riachinho e Caatinguinha a nascentes tem contatos com raiz de plantas mais amargas que aperta faz com que a garganta fecha, e o som saia mais agudo, já aldeia Imbaúba as nascentes passa por plantas brancas consideradas mais doces e a água fica mais lisa, gordurosa devido a isso o sotaque o som mais leve.”

Apesar dessas variações existem palavras que são mais comuns para todas as aldeias o que vai modificando é o som em que são pronunciadas em cada aldeia. Como já mencionado antes alguns tons mais arrastados, outros baixos, altos ou pronunciados de formas mais rápidas. Isso também diz do léxico, das características comuns do português indígena falado pelo povo Xakriabá de acordo com sua cosmovisão, ou seja, de acordo com as subjetividades construídas a partir de suas vivências, seu jeito próprio de ver e entender o mundo.

Na tabela a seguir apresento um pouco do léxico do português indígena falado pelo povo Xakriabá coletado de acordo com a vivência no território, são palavras que são faladas pelos mais velhos, e que os jovens também acabam usando de acordo com a convivência.

Léxico é um conjunto de palavras de uma língua, o léxico da língua portuguesa corresponde ao conjunto de palavras disponíveis a seus usuários para que interajam verbalmente seja por meio da fala ou da escrita.

Tabela 2: Léxico Xakriabá

item lexical	sentido (significado) no território Xakriabá
digundá/desingundar	descer
Ingundá	subir
precata/ pracata	chinelo/sandália
prebiá	sorri/debochar das pessoas
módequê/dique	porque
Pruque	porque
Intõ	então
muncubá	solitário/recuado/ficar quieto em algum lugar
incroá/ incroado	sentir raiva/ficar com raiva
entejá/intejá	até daqui a pouco
thamãnhã	até amanhã
tisooi	Deus abençoe
toada	canção/melodia
nibore	cachimbo
merejá	escorrer água/sair água de algum lugar/lugar encharcados
cururu	algo de pele grossa/pelo grosso/sapo
proco/poico	porco

beico	lugar sem saída
vortô	voltar/voltou
badoque	buldogue/pessoas grandes
oi	olho
zoi	olho
lariz	nariz
olhu	olho
zambeta	cabeça corpo sem equilíbrio
galela	galera
mocá/mocado	esconder/escondido/ficar somente em casa ou no quarto
oithu	oito
imzibido	pessoas decisivas
bistuntar/bistuntando	ouvir conversas alheias/estratégias
doidhu	doido
apocado	vergonhoso
vareta	grande/enorme/alto/reto
arrente	a gente
morgô/morgá	perder viagem/algo deu errado
prafrente	pessoas que gosta de se aparecer
muntueiro	grande quantidade de alguma coisa
piticum	sujeira/coisas amontoada em determinado lugar
lambuzar	se sujar
calombo	lugares com partes mais altas/picada de mosquito
Carquiar	planejar
Enqueixar	decisões próprias, teimosia/
Niquilar	fazer com que algo brilhe

Vigiá	prestar atenção
Puído	fino
Basé	fumo pisado verde
Lorota	mentira
corquer	qualquer
empuca	lugar fechado
mucuta	coisas amarradas em lençóis
cumbuca	cunha de cabaça
gôdô	sentido de sujeira
gunguná	conversas entre duas pessoas/ou pessoas falando sozinho quando demais nao entendi
munzuar	pessoas grandes fortes/coisas grandes
merma	mesmo
indagar	perguntar
veneta	tomar decisões na hora
cunvai	como vai
insuqui	comer bastante/barriga cheia/se alimentar mais que o necessário.
xeikã	cachimbo
godebe/coitebo	sapo
incumbou	cresceu de mais
acanhado	pessoas tímidas
quebra foice	perder viagem
rojão	perde viagem
duba	badoque
turrão	barro sacado/pessoas teimosa
provocar	ansia de vomito/discutir com alguém /esperar o tempo de agir/da pressão
munkuiar/raruar	carne de tatu com mel e cebola

õibi	ônibus
onibi	ônibus
moicar/muiqui	esmorecer/desanimar
morreno	morrendo
cundefé	talvez/poder ser
apocado/acanhado	pessoas tímidas/vergonhosas
tií	tio
deten/ôdeten	sentido de contato corporal agressivo
rusgano/inrusgano	sentido de caça briga/brigando um com outro
Xakriabá	Sakiabá
bitola	mesmo que espessura/tamanho/medida altura.
dilatar/dilatou	demorar em algum lugar
pispiá	sentido de iniciar/começar algo, marcação de fuga de uma peneira.
indagá/indagando	sentido de perguntar/implicar querendo respostas de algo que não pode ser falado
turiská/inturiská	secar/fritar

Há muitas palavras no território que são bem raras a ser pronunciadas pelo povo, as pessoas encontram dificuldades nessa pronúncia principalmente em palavras grandes, como especificamente, palavras que aparecem o ci, x, ei, em muitas aldeias as pessoas não conseguem falar. Na aldeia Caatinguinha, por exemplo, as pessoas não falam o ei, geralmente a palavras ei que seria um indicativo de passado eles não pronuncia no mesmo tempo, nesse caso o que diferencia se a ação já foi feita é as outras palavras que vem antes ou depois, no caso do peguei, por exemplo, ‘já pegui, pegui ontem’. Ao analisar a tabela 1 e a tabela 2 pode se notar que quase não aparece a sílaba ci, ei, x.

Em relação ao c e x como foi citado acima, tem essas diferenças na pronúncia pelos anciões e até mesmo por muitos jovens, exemplo disso é o nome do próprio povo muito raro os anciões falar Xakriabá eles pronunciam Sakiabá. geralmente as palavras que não são

pronunciadas, ou que a pronúncia é feita com dificuldade não pertence a fonética da linguagem de origem do povo, depois de algum tempo conseguimos relacionar a isso, a letra C e a letra X, por exemplo não faz parte do idioma materno.

O português presente no território Xakriabá é resultado da invasão que marcou a história do povo e que o fez buscar formas de ressignificar o seu idioma próprio que foi silenciado e muitas vezes considerado morto. Mas, mesmo com a imposição violenta o povo Xakriabá desenvolveu seu jeito próprio de falar o português, resistindo ao que estava sendo imposto e nesse falar deixa sinais de que o idioma do povo não está morto apenas adormecido uma vez que, vez ou outra, aparece ao meio do português palavras e/ ou traços do idioma próprio do povo. Portanto, a diversidade do português falado no território são diferentes formas de resistência que cada aldeia foi desenvolvendo frente a imposição da língua portuguesa.

6.1 PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Com muita luta ao longo do tempo, as lideranças Xakriabá construíram caminhos que permitiram o seu povo demarcar vários espaços. Além disso, atualmente devido às mudanças climáticas e os impactos causados pela violência histórica sofrida durante a trajetória de luta pelo direito ao território hoje se faz necessário que tenha um convívio maior com a população não indígena. Esse convívio se dá através de visitas constantes aos municípios vizinhos e ao deslocamento para outros estados em busca de trabalho, ou para ingressar em universidade.

Quando os Xakriabá passam a conviver em outros espaços para além das fronteiras do território sofrem com comentários desagradáveis questionando sua identidade enquanto indígena e por não falar o português oficial, o português considerado correto, que segue o padrão, esse último se caracteriza como preconceito linguístico “o preconceito linguístico é uma forma de censura, visto que na censura temos sentidos que são possíveis, mas que não podem ser ditos. Em relação a isso, lembramos que Orlandi trata a censura enquanto silêncio local, manifestação mais visível da política da interdição do dizer.” (ORLANDI, 1992, Apud. AZAMBUJA, 2012, p. 24)

O português adotado pelo povo Xakriabá é um português que traz traços da língua materna, que retrata suas vivências que aos olhos não indígenas é considerado errado. Constantemente são presenciadas situações em que são desqualificados por conta do seu jeito próprio de falar, são considerados incapazes pois são pessoas que “não sabem nem falar”. E esses discursos fazem com que os indígenas se sentam inseguros de se comunicar com pessoas

que não pertencem ao convívio social da aldeia, ou os impedem de tentar oportunidades para além da fronteira.

Drika Xakriabá relata que, inicialmente quando saiu da aldeia sua experiência com pessoas não indígenas foi muito difícil,

“Até as crianças me cobrava pra falar o português deles, quando eu falava alguma coisa que não fazia sentido pra eles, eles falavam que aquela palavra não existia que meu jeito de falar era errado, e que eu tinha que aprender o jeito certo de falar. Eu tinha muita dificuldade de me comunicar principalmente com os adultos porquê parecia que nunca me entendia, além de ter limitações de palavras eu falava baixo e sempre tinha o desconforto de ter que repetir. E apesar de ter aprendido um pouco do português não indígena, de frequentar os espaços acadêmicos até hoje tenho insegurança de falar com os brancos, é um esforço muito grande de ficar vigiando.”

O ato de falar o português é usado para questionar a nossa identidade, sempre deparamos com pessoas que nos fazem esses tipos de questionamentos, “mais você fala o português nem parece índio”, ou “você fala muito bem o português”. Nessa visão do não indígena, só é reconhecido como indígena aqueles que são falantes da língua materna, e muitas vezes ainda não é o bastante, e quando dizem que falamos bem o português não recebemos como elogio, porque não queríamos estar falando o português, mas sim a nossa língua que nos foi tirada.

O povo Xakriabá sofre muito com esse preconceito linguístico, nossa identidade enquanto indígena é questionada o tempo todo. Não é porque falamos o português que deixamos de ser indígenas. Tem sempre uma comparação com os povos que falam fluentemente a sua língua de origem. A nossa língua materna é considerada primeira língua, porque mesmo não falando fluentemente, temos anciões que se comunicam somente na língua. Mas, dentro do território o mais falado oficialmente é o português indígena.

A realidade do povo Xakriabá em relação ao preconceito linguístico é complexa, primeiro porque tem sua identidade questionada por não falar o seu idioma de origem, segundo é questionado o modo como é falado o português. Nesse sentido ao questionar a presença da língua portuguesa e não a língua materna além de ignorar a história de violência e violações de direitos sofrida pelo povo Xakriabá, também exclui e/ou nega ao povo espaços que foram conquistados.

Mesmo com todo o processo de imposição cultural sofrido pelos povos indígenas, eles não deixam de ser indígenas. Portanto, o idioma falado não serve como marcador para definir

ou questionar a identidade de um povo (Maher, 1996). Nesse sentido, a língua carrega traços da identidade do povo, não necessariamente é uma afirmação dela, pois independente da sua origem pode se falar vários idiomas e ainda continuar sendo quem é, sendo povo pertencendo ao seu povo.

A identidade indígena pode ser construída em qualquer língua, portanto a identidade indígena Xakriabá pode ser construída no Akwẽ Krẽka, no português ou no inglês, etc. O que diz que uma população é ou não indígena são suas memórias ancestrais que estão presentes na sua relação com o território e na prática cultural.

7. O PROCESSO DE RETOMADA LINGUÍSTICA

Durante muito tempo o idioma materno do povo Xakriabá era considerado como uma língua morta, pois não era mais falado no dia a dia, era falado mais no privado, principalmente nos rituais sagrados que eram feitos em segredo, era usado para comunicar só entre os Xakriabá mesmo sem a presença de brancos. Além disso, houve um período de tempo em que somente os anciões falavam a língua própria do povo.

Apesar de ser considerada por não indígenas língua morta, o povo sempre teve a compreensão de que sua língua não estava morta, mas sim adormecida. Para Nemerson Xakriabá:

“a língua para um povo ela é como se fosse um bem precioso né não Preciosidade que o povo tem que essa linguagem é através dela é que a gente busca os nossos Encantados, é através dela né que a gente busca digamos assim preservar a cultura e também praticá-la né porque algumas rituais né se não fosse ia preservação né e a insistência dos Guerreiros também, de alguns guerreiros que já tombaram nessa terra em resguarda ou pelos ao menos repassar um pouco que restou isso ajuda bastante né quanto o povo quanto cultura também porque ficou guardado e chegou o tempo de também dessas palavras também é nessa linguagem do Povo sair né vamos dizer do escondido e aparecer né pra nós de uma forma que foi importante para nós principalmente para o povo Xakriabá” (NEMERSON PÊSKWA, Entrevista concedida, 27 de Maio de 2024)

Por ter essa compreensão que o povo faz o caminho de volta. Um caminho que não é linear, mas movimento circular que em partes do processo é de responsabilidade da

colonização, com a invasão territorial o povo Xakriabá é obrigado a deixar de falar Akwẽ como língua oficial do povo passa a falar o português indígena Xakriabá, no período escolar aprende o português oficial e em seguida o Akwẽ.

Esse caminho de volta começou a ser feito a partir do momento que as pessoas que ainda eram falantes no território perdem o medo de falar no idioma próprio, e começou a falar em público.

“A virada de chave para despertar esse interesse pela língua né a gente sabe que tem alguns livros que são bem antigos que forem inscritos por viajante que nem não são brasileiros os europeus italiano não é o francês por exemplo escreveu que data do povo Xakriabá lá bem antes bem para trás aí que já foram entrevistados Xakriabá onde já falava ainda tinha alguns falavam ainda totalmente o idioma e que tem essas palavras lá fora os caminhos que a gente encontrou também para ver um pouco desse idioma do povo e também por Zé Alves quando ele começou a se dedicar bastante é um idioma a gente começou a dar aula de graça aí tem muita gente que criou-se esse interesse e aprender muita coisa não era as palavras desse jeito que tá escrito hoje.” (DURKWA KREKA, entrevista concedida, 16 de setembro de 2024)

Para Sirêpte, Zé Alves falava o idioma que vinha de uma origem espiritual que tem diferença com o Akwẽ que falamos dia a dia, é uma língua de comunicação com os ancestrais que era utilizada nos momentos de concentração e conexão com o sagrado. Nesses momentos as pessoas anotavam as palavras e depois ele fazia a correção. Dessa forma, segundo Sirêpte, “ele determinou um certo equilíbrio naquelas escritas né como se fosse um padrão a partir dali ele fez um padrão por exemplo como se você tiver falando a palavra a dentro da da força espiritual né que é um conhecimento ancestral se você falar essa palavra a. ocê no português falava a palavra a mas quando ele tava dentro da concentração espiritual mesmo você olhando com ele de frente à frente mas ele olhava na sua boca, você falava a palavra”.

Inicialmente não tinha muita preocupação com a escrita, assim como outros conhecimentos culturais do povo, o idioma materno era transmitido somente através da oralidade, hoje já se tem uma preocupação maior com a gramática. Nos primeiros registros da língua feitos por historiadores, segundo os mais velhos, teve alterações porque não foi feito por indígenas, a escrita era feita de acordo com a compreensão do pesquisador, do ouvinte e também tinha influência do próprio idioma dele.

“essa questão da fonética às escrita mudou pouca coisa até mesmo pela essa questão da das consoantes das vogais para o teu número pequeno e consoante que são só 12 tem um número mais grande de vogais são 14 aí veio essa questão de mudar porque algumas letras que decore escrita por causa do som era a escrita com outra letra que não tem nas consoantes do Xakriabá mais tem nas consoantes normais do português, mas que nas consoantes do idioma não tem e acabou sendo escrito com as consoantes que tem lá e acabou dando um som uma fonética mais diferente mas que são as que era as mesmas palavras.” (DURKWA KREKA, entrevista concedida, 16 de setembro de 2024)

Enquanto esse movimento de acordar o idioma que era adormecido não há uma definição do processo, algumas pessoas chamam o processo de resgate, outras chamam de retomada, outras chamam de revitalização¹. Durkwa fala que não considera muito “como uma retomada linguística às vezes seja mais a situação de revitalização que é retomada é algo cai assim como se fosse uma coisa que você já tivesse perdido e se fosse retomar...”. Segundo ele, “o povo Xakriabá não perdeu totalmente o idioma, embora tenha povos que seja falante do idioma semelhante o mesmo tronco a mesma variação, mas que nós não perdeu totalmente. Porque existe falantes né do idioma existe uma família falando o idioma que existe outras pessoas que sabem palavras frases soltas então é uma questão de revitalizar fluente pra que futuras gerações possam vir a falar fluente.”.

Ainda sobre a revitalização, Durkwa vê como um processo complexo pois é um trabalho que demanda tempo e empenho e que quem dá início a esse processo não verá o resultado, o fruto dessa luta só será colhido nas futuras gerações.

“trabalho que nós faz hoje em torno dessa situação linguística é que possa vir futuras gerações aí falantes de um idioma do Povo mas que nós que não somos falante fluente a gente pode conhecer muito sobre o idioma pode ser mesmo saber as variações saber um pouco da

¹ Sobre a definição dos termos retomada e revitalização, ver o artigo das pesquisadoras indígenas Anari Bomfim, Altaci Rubim e Sâmela Meirelles, disponível em: MEIRELLES, Sâmela Ramos da Silva, RUBIM, Altaci Corrêa, BOMFIM, Anari Braz Década internacional das línguas indígenas no Brasil: o levante e o protagonismo indígena na construção de políticas linguísticas, **Working Papers in Linguística**, v. 23 n. 2 (2022), p. 154-177.

fonética conseguir escrever algumas coisas mas não vamos conseguir falar fluente mas futuras gerações pode sim vir a falar afluente a não ser aquela família que você já sabe que aprendeu desde pequeno que aprendeu com a mãe que aprendeu com o pai aí sim vão ser falantes fluentes “ (DURKWA KREKA, entrevista concedida, 16 de setembro de 2024)

Independente do nome – retomada, revitalização -, percebe-se que há entendimento que por ser um processo longo que atravessa gerações e um trabalho que para obter resultado precisa de comprometimento de todo o povo, esse processo é uma ação coletiva que não é fácil, mas necessária para que se possa garantir que o povo Xakriabá possa voltar falar seu idioma materno como primeira língua e em todos os espaços públicos e privados e que no futuro todas as gerações possam ser falantes fluentes.

7.1 CAMINHOS E DESAFIOS

Na caminhada para o processo de revitalização da língua, a escola seria vista como uma das principais contribuidoras para esse fortalecimento, por ser uma escola indígena diferenciada e ter esse direito garantido na Constituição de 1988. Esse caminho se fortalecia quando formaram a primeira turma do magistério indígena em 1996 com professores indígenas de quase todas as aldeias, que naquela época foram indicados pelo cacique Rodrigão e lideranças, fizeram curso por um ano, assumiram as turmas de aulas, porque antes era professores não indígenas, e não conheciam a realidade do povo indígena Xakriabá.

Embora a Constituição de 1988 dê o direito de uma escola indígena diferenciada, esses direitos ainda estão apenas no papel, pois para ser uma escola diferenciada ela não tem apenas que ter a mão dos povos indígenas. Tem as matrizes curriculares que dizem dão o direito de trabalhar os conteúdos do não indígenas e a etno que é o conhecimento do povo, mas isso ainda não é o suficiente, para ser uma escola indígena diferenciada, essa escola tem que ter o corpo por inteiro dos povos indígenas. As escolas indígenas Xakriabá ainda são obrigadas a seguir as normas estabelecidas pela secretaria de educação. Eles não conhecem a realidade do povo, e nem faz questão de conhecer, apenas vão mandando tudo de lá para cá, e as escolas são praticamente obrigadas a aceitar sem fazer questionamento, pois ainda não têm essa autonomia de escolher como deve trabalhar no que condiz com a realidade do povo.

Por não ter essa autonomia, as escolas são obrigadas a seguir normas estabelecidas pela secretaria do estado, e isso, às vezes, torna-se um fator principal para reviver em parte período

da colonização, no qual o povo Xakriabá foi obrigado a mudar a vivência no território, e obrigados a adormecer a língua materna por um longo tempo. Por ter que seguir o padrão das escolas não indígenas, as escolas indígenas são obrigadas a ensinar o português oficial, isso desvaloriza o português indígena Xakriabá, pois é ensinado que falamos no português indígena Xakriabá, mas que na escrita só é aceito o português oficial. Isso faz com que os alunos tenham muita dificuldade para acompanhar todo esse processo, pois eles já começam falando o português Xakriabá, que é repassado pelos pais no contexto familiar, e têm que aprender o português oficial imposto pela escola, e ainda fazer essa volta para o Akwẽ, como foi citado anteriormente.

Segundo Durkwa Kreka, no repassamento da língua materna nas escolas são encontrados vários desafios, porque as aulas de língua Akwẽ são trabalhadas apenas do fundamental 2 em diante, e deveria ser trabalhada dos anos iniciais até ao terceiro ano, e com as contratações dos professores de cultura nos anos iniciais ficou um pouco mais fácil, mas que também tem os pontos negativos pois nem todos os professores trabalham voltado a situação linguística.

“Questão da da escola né dos desafio bem grande de fazer esse ensinamento na escola sobre um idioma é que ele deveria começar com os anos iniciais e ir direto até a pessoa formar aí o terceiro ano tinha que ir direto não começar só lá do e contar numa série mais alta né acabou facilitando muito Quando colocaram seus professores de Cultura os despertadores da cultura e acabou ficando mais fácil alguns pontos ficaram muito difícil em outros e a gente não temos todos não são todos os professores e cultura que hoje faz um trabalho voltado mais para situação linguística” (DURKWA KREKA, entrevista concedida, 16 de setembro de 2024).

Além disso, ele ressalta que infelizmente hoje ainda não se consegue alfabetizar a criança totalmente no idioma, porque primeiro a escola alfabetiza em português, só tem uma aula na semana para ensinar o idioma, o restante da grade curricular é toda no português. Ele acredita que esse processo deveria ser ao contrário, primeiro alfabetizar na língua e só depois no português.

“infelizmente arrente não consegue ainda alfabetizar uma criança totalmente no idioma tanto que ela é alfabetizada primeira em português e às vezes até fica difícil que você vai ensinar também do idioma enquanto ela tá vendo outras palavras também em português primeiro momento acho que ia ter uma série mais alta teria que ser só um idioma para depois o português né mas acaba que a gente tá começando ao contrário ensinando o primeiro português para depois vir com o idioma.”(DURKWA KREKA, entrevista concedida 16 de setembro de 2024).

Embora sejam encontrados muitos desafios para esse repasse da língua Akwẽ, o povo Xakriabá não desiste, pois entende que é de extrema importância que seja feita essa caminhada de volta para a retomada/revitalização linguística. A língua é repassada na escola pelos professores de língua Akwẽ e professores de culturas através das músicas, onde ao cantar se aprende a fonética das palavras e seus significados, tem cartilhas para facilitar o ensinamento. São ensinados o alfabeto, depois partes do corpo, nomes de animais e pássaros, para depois ensinar palavras soltas e formação de frases.

“então hoje se a gente tem um pouco da linguagem em resgate que hoje já está atuando no quadro da escola né é a forma diferente que tinha poucos escritos naquele tempo pessoal falava mais e escrevia pouco a escrita era pouca e hoje pra repassar esses conhecimentos é através de canto como o xakriabá apreendeu cantando a língua xakriabá ela e cantada é falada e poucas escritas né então criança brincando criança aprende tudo através disso pra muitos é uma brincadeira solta brincadeira ali livre mais é um aprendizado de um aluno do filho do pai de família através disso deixa a criança brincando ali mais com aquele pensar de se formar aquela criança sedo né então ja se forma aquela criança através da brincadeira pra quando quem chegasse achando que era uma brincadeira ali que não ia fazer sentido pra aquela criança mas é uma brincadeira pensando no futuro daquela criança até aquelas brincadeiras de crianças naquele tempo era através de cantos até hoje tem até canto no português canto na linguagem era uma forma de repassar seus conhecimentos da linguagem também então a criança aprendia com mais facilidade hoje tem as brincadeiras de cantos de cantos de números tem o canto das vogais das consoantes e tem também os jogos , jogos de trilha que é pontuando as principais os principais elementos como onça tatu , peixe e mais outros.”(DEDA SIRÊPTE XAKRIABÁ, entrevista concedida 29/08/2024).

Para que esse processo da língua se fortaleça, foram criados grupos culturais nas aldeias, pois entendemos que a escola em si não é a única responsável para o repasse da língua. Esses grupos são responsáveis por reunir comunidade, jovens, crianças e anciões, e assim fazer momentos que fortaleçam ainda mais a cultura do povo, como cantar músicas, repassar a língua, valorizar histórias do povo contada pelos anciões. Assim o povo Xakriabá vai trilhando os caminhos e quebrando barreiras que se encontram para a retomada/revitalização linguística do povo, mas compreendendo que todo esse processo é garantia para a futura geração.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com meu trabalho realizado durante minha trajetória na UFMG, tive a oportunidade de pesquisar mais profundamente sobre o português indígena, o português indígena Xakriabá, e a língua Akwẽ, onde adquiri mais ainda um enorme conhecimento sobre a nossa língua ancestral e como ela foi preservada dentro da língua imposta pelo colonizador. Percebi também a necessidade de repassar esses conhecimentos para dentro da sala de aula e também para toda comunidade em geral, destacando sim que já são transmitidos sobre a língua Akwẽ pelos professores de cultura, práticas, artes e muito pouco pelos outros professores regentes. Percebo que há essa ausência desses conhecimentos de falar sobre o português indígena Xakriabá dentro das salas de aula ou em qualquer outro espaço.

Para nós enquanto povo é importante ter o empenho para que o Akwẽ volte a ser o primeiro idioma falado, mas também é importante reconhecer essa diversidade de português presente no território, valorizar o modo próprio de falar de cada aldeia e entender que isso é resultado de processo de violência e é devido a resistência do povo que hoje podemos ter a possibilidade de falar nosso idioma próprio. Além disso, acredito que o processo do caminho de volta seria mais fácil se nós tivéssemos a possibilidade de sair do português Xakriabá para o nosso idioma, mas infelizmente com o processo de alfabetização que segue as normas do português oficial ainda precisamos percorrer um longo caminho.

Durante o desenvolvimento dessa pesquisa foram surgindo algumas dificuldades, onde tive que mudar uma ideia que tinha para o trabalho. De início foi pensado em trazer no trabalho uma parte em áudios, para mostrar essa diversidade do português falado nas aldeias selecionadas, porém não foi possível conseguir tais áudios. Um dos maiores desafios encontrados durante esse percurso foi lidar com o tempo exigido pela universidade para as pesquisas e compreender que para o território esse tempo era diferente.

Escolhi realizar minhas pesquisas relacionadas ao português indígena Xakriabá, pelo fato de ter conhecimento de apenas um trabalho realizado no FIEI que aborda sobre essa temática, o de Oliveira e Barbosa (2016). Então espero que esse trabalho possa se expandido no território Xakriabá, para que o nosso povo possa ter mais conhecimento da dimensão que é o português indígena Xakriabá, no qual nomeei o tema de português Akwê Krêka para que assim possa diminuir os preconceitos linguísticos que tem dentro do território, que muitas das vezes vem do próprio povo por falta de compreensão e conhecimento sobre o assunto. Durante o desenvolvimento desse trabalho, pude ter mais conhecimento de como aconteceu o silenciamento da língua materna e como os nossos ancestrais preservaram a língua materna diante da imposição do português.

Percebi o tamanho importância de se discutir sobre esse tema logo no início com a dificuldade de encontrar pessoas para serem entrevistadas nas pesquisas, até então a ideia era selecionar anciões, crianças e jovens das três aldeias escolhidas, para trazer as semelhanças e diferenças no português falado por cada um. Mas, as tentativas não tiveram sucesso, pois ao conversar com elas para ver se aceitava participar das entrevistas, elas argumentavam que não queriam porque não sabia falar, que conversavam tudo errado e tinham vergonha de conversar perto das pessoas.

E por fim desejo que esse conteúdo possa ser trabalhado dentro das escolas, ser discutido em rodas de conversa dentro do território, com crianças, juventude e anciões, com intuito de que seja feito caminhos para vencer o preconceito linguístico, valorizando a luta e resistência dos nossos ancestrais para que o idioma permaneça vivo mesmo sendo imposto falar a língua do colonizador. Espero que esse percurso seja inspiração para que outras pessoas venham a dar continuidade, pois há muito para ser pesquisado em relação ao tema.

Espero ainda que esse trabalho dê muitos frutos e que eu tenha conseguido escrever não só para atender as exigências da academia, mas também de uma forma que possa ser compreendido pelo meu povo, pois cada palavra que foi colocada nesse trabalho foi organizada de modo que pudesse ser compreendido pelo meu povo Xakriabá. Me lembro das dificuldades iniciais quando me pediram para refletir sobre o porquê, pra quê, e pra quem eu estava escrevendo, e chego à conclusão de que nosso papel é contar a história do nosso povo, de forma coletiva, com e para o meu povo.

Para finalizar deixo alguns versos para refletir sobre o português Akwê krêka ...

A terra fala e ela fala em todos os idiomas

A terra fala e ela entende nosso português
 O som da terra vem de todos os biomas
 O som da terra não tem talvez

O nosso português cabe em qualquer lugar
 É fruto da resistência Xakriabá
 Se interessar eu posso te contar
 Contar a história do português akwē krēka

Nasceu da luta e resistência
 Cortaram a língua do anciões
 Para nosso idioma exterminar
 Mas dos segredos somos guardiões
 E não conseguiram nos silenciar

No nosso português eu falo kreka
 Brinco de esconde esconde E ainda sei cantar,
 No meio do português os anciões deixa seu falar
 Para nosso idioma guardar

O seu preconceito não faz sentido
 O meu português tem traço encantado
 Fala do sagrado e me alerta do perigo
 E não vem dizer que falo errado

De outras fontes posso beber
 E até mudar meu falar
 Mas ainda vou querer dizer
 Do jeito do Xakriabá

As fontes que não tem nascente
 Não aprende nosso modo de falar
 O tom vem com som da natureza
 E como o jeito dos pássaros cantar

Vem do Céu e das águas o português kreka

É uma herança de cultura ancestral

Que temos que aprender e repassar

Ensinar sobre a terra e a vida espiritual

O nosso português conta nossa história

Tem traços do nosso idioma e também do nosso lugar

Veio como violência que guardamos na memória

Para futuras gerações valorizar o nosso jeito de falar

Pode ser incompreendido pelos não indígenas

a sua complexidade e beleza

Mas ele traz os caminhos do território

e o convívio com a natureza

A terra fala todos os idiomas

E mesmo no português nem todos conseguem entender

Falamos dos frutos, das plantas medicinais

Dos segredos e dos sagrados que não podemos esquecer

Conversamos sobre o tempo passado

E do Akwẽ kreka que não vamos deixar morrer

Nosso idioma antes adormecido

Hoje começou a despertar

Acharam que tínhamos esquecido

Mas guardamos no nosso falar

O segredo da língua materna Xakriabá

9. REFERÊNCIAS

ABRAM DOS SANTOS, Lilian. Educação intercultural e ensino de português para indígenas. Revista X, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 262-287, out. 2018.

AZAMBUJA, Elizete Beatriz O preconceito linguístico: algumas considerações, **Revista de Letras**, UCB: Brasília, v. 5 n. 1, 2012.

GORETE NETO, M. Reflexões Sobre o Português Falado por Povos Indígenas: resistência e ressignificação. **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, [S. l.], v. 31, n. 67, p. 214–231, 2022. DOI: 10.21879/faeeba2358-0194.2022.v31.n67.p214-231.

GORETE NETO, Maria. Línguas em conflito em cursos de Licenciatura Intercultural Indígena. Trabalhos em Linguística Aplicada [online], v. 57, n. 3, p. 1339-1363, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/010318138653506433861>

Tkadi Xakriabá, Ana Flávia **Política Linguística de Valorização da Língua Akwẽ Xakriabá**, Monografia apresentada ao Curso de Educação Intercultural da Universidade Federal de Goiás, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciada em Educação Intercultural, 2018. (Orientadora: Profa. Dra. Joana Aparecida Fernandes Silva)

MAHER, Terezinha Machado. A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilinguismo. In: KLEIMAN, Angela; CAVALCANTI, Marilda (org.). Linguística Aplicada: suas faces e interfaces. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 255- 270.

MAHER, Terezinha Machado. Ser professor sendo índio: questões de língua(gem) e identidade. 1996. 262 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, 1996.

MOTA, Liliane Rodrigues. Estudo sobre o léxico Akwẽ Xakriabá: uma proposta de escrita e uma chamada para a revitalização da língua. 2020. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Língua, Artes e Literatura.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Orientador: Carlo Sandro de Oliveira Campos.

OLIVEIRA, Eliana do Rosário Ferreira Gonçalves; BARBOSA, Regiane Costa. **O ensino da língua portuguesa em duas escolas Xakriabá (Bukinuk e Uikitu kuhinã)**: português indígena e português padrão em foco. 2016. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Habilitação em Línguas, Artes e Literatura.

RODRIGUES, Eunice Moraes da Rocha. Português Tapuia: um signo de resistência indígena. Revista Porto das Letras, v. 4, n. 1, p. 133-154, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/issue/view/244>.

SEKI, Lucy. A linguística indígena no Brasil. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada [online]. 1999, v. 15, n. spe [Acessado 2 Maio 2024], pp. 257-290. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-44501999000300011>>. Epub 11 Dez 2001. ISSN 1678-460X. <https://doi.org/10.1590/S0102-44501999000300011>.

SILVA, Manoel Antônio de Oliveira. “A única herança que um índio deixa para outro índio é a luta”: a história da língua Akwẽn do Povo Xakriabá. 2018. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.